

Zélia Amador de Deus e as Teias de Ananse na Amazônia

Zélia Amador de Deus e las Telarañas de la Ananse en la Amazonia

Zélia Amador de Deus and the Ananse's Webs in Amazon

Sandra Suely Moreira Lurine Guimarães

Resumo: O presente trabalho visa, por meio de pesquisa bibliográfica, expor a trajetória de uma das maiores ativistas e intelectuais negras do Brasil da atualidade. Trata-se de Zélia Amador de Deus. No seu percurso, é possível identificar as vicissitudes pelas quais passa uma pessoa negra no Brasil, quando não se resigna ao lugar de subalternizado. Em sua trajetória, constata-se o deslocamento geográfico, bastante comum entre intelectuais negras e negros, episódios de racismo, a rotina diária do esforço para provar a sua competência. Esses elementos aparecem na vida de pessoas negras que conseguiram realizar a ascensão social. O estudo pretende discutir como a professora Zélia ressignificou as dores do racismo e as transformou em força na luta pelos direitos de pessoas negras, notadamente no que diz respeito à educação, por meio de sua importante contribuição na criação da lei das cotas raciais.

Palavras Chave: Racismo. Militância. Empoderamento.

Resumen: El presente trabajo pretende, a través de la investigación bibliográfica, exponer la trayectoria de una de las más grandes activistas negras e intelectuales brasileñas en la actualidad. Se trata de Zelia Amador de Deus. En su camino, es posible identificar las penurias que atraviesa una persona negra en Brasil, cuando no se resigna al lugar de subordinados. En su trayectoria se aprecia el desplazamiento geográfico, bastante común entre mujeres negras y hombres intelectuales negros, episodios de racismo y la rutina diaria del esfuerzo por demostrar competencia. Estos elementos aparecen en la vida de los negros que lograron alcanzar la ascensión social. El estudio pretende discutir cómo la maestra Zélia dio un nuevo significado a los dolores del racismo y los transformó en fuerza en la lucha por los derechos de los negros, especialmente la educación, a través de su importante contribución a la creación de la ley de cuotas raciales.

Palabras Claves: Racismo. Militancia. Empoderamiento.

Abstract: The present work aims, through bibliographical research, to expose the trajectory of one of the greatest black women activists and Brazilian intellectuals in present days. It is about Zelia Amador de Deus. In her path, it is possible to identify the hardship that a black person goes through in Brazil, when she does not resign herself to the place of subordinate ones. In her trajectory, the geographical displacement, quite common among black women and black men intellectuals, episodes of racism and the daily routine of the effort to prove competence can be seen. These elements appear in the lives of black people who managed to achieve social ascension. The study intends to discuss how teacher Zélia gave new meaning to the pains of racism and transformed them into force in the struggle for the rights of black people, notably education, through her important contribution to the creation of the racial quotas law.

Key-words: Racism. Militancy. Empowerment.

Sandra Suely Moreira Lurine Guimarães – Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (2000), graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (2004), graduação em Direito pelo Centro Universitário do Estado do Pará (2017), mestrado em Sociologia Geral pela Universidade Federal do Pará (2005) e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará (2016). ORCID: <https://orcdi.org/0000-0002-8835-7420>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5446022928713407>. E-mail: sandralurine@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

De acordo com Angela Davis (2018), filósofa negra estadunidense, quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela. Essa afirmação de Davis é particularmente verdadeira no que concerne ao protagonismo da professora Zélia Amador de Deus. Nesse sentido, nosso objetivo com este trabalho é difundir a trajetória de uma mulher negra, intelectual, militante na luta antirracista e na busca pela justiça social, notadamente no que diz respeito ao acesso de pessoas negras ao ensino superior. O percurso pessoal e profissional dessa mulher admirável não pode ficar circunscrito apenas ao conhecimento da Região Norte. Zélia precisa ser conhecida e reconhecida no resto do Brasil.

Recorrendo às palavras de Patricia Hill Collins (2019), Zélia Amador de Deus não é uma super-heroína destemida, do mesmo modo que não é uma vítima oprimida que precisou ser salva. Trata-se de uma mulher negra amazônica que, certamente, desde o início da sua luta compreendeu que o empoderamento não é concedido por alguém, mas que deve ser alcançado coletivamente. A esse respeito, seu ativismo tem como uma das principais conquistas assegurar o acesso de pessoas negras, indígenas e quilombolas a um dos mais valiosos bens sociais, a educação, por reconhecer que o conhecimento é uma das vias para o empoderamento.

Nosso compromisso com esse desiderato é imenso, dada a grandiosidade dessa mulher, cujo percurso teve início com a menina negra que saiu da Ilha do Marajó, no Estado do Pará, região Norte do país, para estudar na capital, e se tornou a primeira mulher negra a ser contemplada com o título de professora emérita na maior instituição de ensino superior público da Região Norte. Sua luta contra o racismo não só produziu resultados fáticos, como iremos expor, mas também pode inspirar outras mulheres negras a lutarem, a não se resignarem em aceitar o lugar social que uma sociedade como a nossa, marcada pelo racismo estrutural, nos impõe enquanto mulheres e homens negros.

Em razão do distanciamento social exigido pela pandemia da COVID-19, não foi possível realizar presencialmente entrevista com a professora Zélia. Malgrado a possibilidade de realizarmos uma entrevista por plataformas virtuais, nossa opção metodológica consistiu em apresentar sua trajetória por meio de sua própria produção acadêmica, em especial sua obra *Caminhos trilhados na luta antirracista* de 2020. A adoção dessa metodologia se justifica tanto em razão dessa obra possuir um caráter autobiográfico e etnográfico quanto por ser uma possibilidade de tornar ainda mais conhecida a sua produção intelectual.

“Caminhos trilhados na luta antirracista” (2020) consiste em um conjunto de artigos produzidos pela professora Zélia, que, embora não sejam a totalidade de sua produção acadêmica, foram selecionados pela autora por representar o núcleo central de seu pensamento, assim como da sua atuação na via acadêmica e na militância, no período de 1990 a 2019. Além disso, recorreremos também a entrevistas concedidas aos jornais locais e à bibliografia de autores cuja produção coaduna com as lutas empreendidas por Zélia no combate às discriminações impostas às pessoas negras, de modo particular, e a aos excluídos da sociedade de modo geral. Todavia, isto não quer dizer em absoluto que tenhamos conseguido ultrapassar o limite de pequeno conhecimento sobre ela, dada a grandiosidade de sua vida e obra que não caberia nos limites desse texto.

O ativismo de Zélia Amador possibilita o conhecimento sobre as dificuldades, mas também que a superação pode ser alcançada por pessoas negras, a despeito o racismo cotidiano, no que tange ao acesso à educação e, portanto, ao conhecimento como uma via ao empoderamento. Isso

fica claro nas palavras de Zélia quando ela afirma: “*me safei pela educação*”. A exposição da trajetória de lutas e conquistas será feita em dois momentos: dados biográficos que revelam que sua história é semelhante a de mulheres negras e pobres que precisaram travar uma luta árdua para romper com o lugar social destinado a elas; na sequência, exporemos sua formação acadêmica e de militância, e, por fim, os frutos da luta antirracista e a culminância com o título de professora emérita. O objetivo é demonstrar que os aspectos da vida e do trabalho da professora Zélia não só legitimam o título recebido, de professora emérita, mas também reforçam a necessidade de conferir maior visibilidade a uma das mais importantes intelectuais e ativistas negras da Região Norte em favor da causa negra. Demais disso, essa maior evidência é importante, tendo em vista que há uma certa centralização das produções acadêmicas e da popularização de teóricos no eixo Sul-Sudeste.

1. Apresentando Zélia Amador de Deus

Conhecer o pensamento da professora Zélia Amador de Deus é imprescindível para uma abertura epistemológica das mulheres negras que estão fora do eixo geográfico sul-sudeste como centro de produção do saber. Essa exigência é defendida por Djamila Ribeiro quando assim se posiciona:

As construções sobre ração se dão de forma singular e complexa nas diferentes regiões do país. Por isso, precisamos conhecer a produção de mulheres negras de fora das grandes metrópoles – como Nilma Bentes, **Zélia Amador** e Marcela Bonfim – e ampliar as nossas visões de mundo. (RIBEIRO, 2019, p. 66. Grifo nosso)

Ao pesquisar sobre a professora Zélia, uma das grandes lições que se retira é que, enquanto existirem os problemas que afetam mulheres negras, persistirá também a luta e resistência de Zélia em prol das pessoas negras, especialmente das mulheres. Isso fica materializado na sua luta política e no engajamento por meio do ativismo que começou ainda cedo e que pode ser traduzido nas palavras de Collins (2019, p. 12):

As mulheres negras resistem, seja compartilhando pequenos momentos de amor umas com as outras na vida cotidiana, seja cultivando comunidades nas quais a vida de nossos filhos, nossos entes queridos e nossa própria vida importam, seja ainda criticando as políticas públicas que nos negam acesso à segurança, educação, moradia, emprego e saúde.

Conforme já exposto, o material utilizado para a produção desse texto foi principalmente sua obra *Caminhos trilhados na luta antirracista*, obra de caráter autobiográfico e etnográfico, que revela que a luta antirracista da autora se mistura com sua vida pessoal e acadêmica. Trata-se de uma leitura obrigatória, que não deveria ficar restrita aos negros e negras acadêmicos, mas alcançar todas as pessoas cujo interesse é conhecer a luta antirracista e o pensamento negro no Brasil, em uma obra cuja autora desde cedo teve a consciência que a única saída era a luta, o enfrentamento.

Zélia Amador de Deus nasceu em uma fazenda de gado na Ilha do Marajó, atual município de Salvaterra, no Estado do Pará. Ela narra que sua mãe engravidou aos 15 anos de idade, sendo, portanto, filha de uma adolescente mãe solo, como milhares de crianças negras nesse país. Certamente para evitar que ela tivesse o mesmo destino que sua mãe, sua avó, dona Francisca, presença

marcante e decisiva em sua vida, juntou dinheiro e decidiu mudar para a capital, Belém, com o intuito de que Zélia trilhasse uma trajetória diferente daquela tão comum às meninas negras e pobres, sobremaneira nos interiores do Brasil.

Zélia, seus avós e sua mãe partiram então para Belém e, ao chegarem na capital do Pará, foram morar com outros parentes na periferia, lugar de concentração de parte considerável da população negra. Ela narra algumas dificuldades encontradas na capital, como o regime de semiescravidão imposto à mãe, que trabalhava como empregada doméstica – sendo esse o lugar social ocupado por muitas mulheres negras, funcionando como permanência da estrutura escravocrata, com a devida mudança da casa grande para os apartamentos ou condomínios horizontais. Seu avô passou de vaqueiro, no Marajó, para trabalhador braçal na construção civil, e sua avó trabalhava como lavadeira de roupas, outra herança da mentalidade escravocrata.

Dona Francisca assumiu o protagonismo na sua criação, constituindo-se na verdadeira figura maternal, certamente pela idade precoce de mãe. Já na infância, Zélia conheceu a face perversa do racismo por meio de ofensas e discriminação. Dificilmente uma criança negra passa incólume à experiência dolorosa do descobrir-se negro, acompanhado do sentimento de inferiorização que tentam nos impor de forma violenta. Ela relata essa experiência nos seguintes termos:

“Todos os dias, a caminho do colégio, eu tinha que escutar o coro “nega do batuque”. Não me importava muito, pois, eu adorava o batuque(...) Mas não custou muito e veio a “nega do cabelo de palha de aço”. Aí foi demais, aí me ofendi e logo veio à minha cabeça a fala constante da minha avó: “Não te abaixa, ninguém é melhor que tu”. (AMADOR DE DEUS, 2020, p. 9)

Em uma entrevista¹, nossa protagonista relata outro episódio de racismo da qual foi vítima ainda na infância:

Aos nove, dez anos foi quando eu senti o que é ser preta. Eu gosto muito de dançar, então me ofereci para uma apresentação que ia ter na escola. Mas entre as meninas, eu não havia sido escolhida e questionei isso com minha professora. Ela me disse que iam só as “meninas mais ajeitadinhas”. E eu não era desajeitada, entende?

Os dois episódios narrados encerram o que Adilson Moreira (2019, p. 53) denomina de “microinsultos”. Trata-se de uma espécie de “microagressões” que, de acordo com o autor, se manifestam na forma de:

[...] sentimentos de superioridade que uma pessoa sente em relação a outra por fazer parte do grupo dominante [...] Eles também podem assumir a forma de mensagens ou representações culturais derogatórias quando símbolos ou ritos sinalizam desprezo por membros de grupos minoritários. (MOREIRA, 2019, p. 53)

Os eventos de discriminação vivenciados ainda na infância são, na verdade, experiências comuns que praticamente toda menina negra experimentou em algum momento de sua vida. Zélia esteve diante de formas de microagressões que não foram capazes de gerar nela o que Moreira (2019) concebe como o “sentimento de desamparo aprendido”. Conclui-se, certamente, que a

¹Trecho da entrevista concedida ao *Cada Minuto* em 14/03/2020.

força da ancestralidade da avó de nossa protagonista ao dizer sempre “Não te abaixa, ninguém é melhor que tu”, foi para Zélia sua fonte de resiliência.

A menina Zélia não se intimidou com os microinsultos, talvez por intuitivamente já ter claro que, na maturidade, iria defender que mulheres negras precisam ser corpos insurgentes, emergindo nela a consciência de que ser preta e pobre incomodava outras pessoas, e que esses dois marcadores, gênero e raça, não se alterariam, logo, seria necessário impor sua presença. Foi com esta decisão que ela começou a participar de campeonatos escolares, nos quais demonstrou excelente desempenho intelectual, revelando um brilhantismo acadêmico que, mais tarde, se mostraria como marca reconhecida por todos que a conhecem. Zélia tinha a nítida consciência que sua presença incomodava, tal como ela relata:

Continuei a ser preta. Sei que minha presença incomodava, mas eu me impunha porque era boa aluna. Quando estava na quarta série ginásial, participei de um campeonato entre escolas, que tinha perguntas sobre as matérias História, Geografia e Ciências. (...) O certame se chamava Campeonato Colegial Guara-Suco, por ser patrocinado por uma fábrica de refrigerante local. Naquele ano, ganhei um fã clube com direito a torcida e tudo. Quase fui invicta, pois perdi apenas uma questão [...] (AMADOR DE DEUS, 2020 p. 11)

Nesta perspectiva, ser mulher e negra passou a ser, então, já na juventude, o centro das reflexões sociológicas e da militância de Zélia. Ficou claro para ela, desde cedo, que a saída do lugar social, delimitado pelo racismo, seria via educação. Entretanto, em determinado momento, começou a sentir certo desconforto em relação à atuação dos movimentos políticos, ao constatar que o cerne da preocupação desses movimentos estava restrito à questão da classe, ao passo que os eixos de subalternização raça e gênero eram negligenciados, como fica claro ao afirmar que: “De fato a esquerda branca brasileira não via importância na questão racial, tampouco na questão das mulheres. O importante era a luta de classe. Porém eu continuava mulher e preta” (AMADOR DE DEUS, 2020 p.13).

A constatação dos limites dos movimentos políticos conduziu Zélia, cada vez mais, para a luta antirracista. Seu ativismo e militância foram no sentido de reconhecer que a interseccionalidade é imprescindível, pois não há emancipação social para as minorias assujeitadas, sem considerar que são vários os eixos de subordinação e que não há hierarquia entre eles, como afirma:

Para a mulher é tudo difícil. A mulher negra, então, tem ainda o fardo maior de discriminação. Ela é atravessada pela questão da raça, pelo fato de ser negra, do gênero por ser mulher, e ainda por estar condenada à pobreza².

Assim, sua luta contra o sistema opressor foi se consolidando e ganhou importante forma por meio da busca do acesso aos bens sociais para pessoas negras, especialmente à educação enquanto um meio para o empoderamento. Berth (2019 p. 25) defende que o processo de empoderamento funciona “como uma movimentação interna de tomada de consciência ou despertar de diversas potencialidades que definirão estratégias de enfrentamento das práticas do sistema de dominação machista e racista”.

Quanto à sua formação acadêmica, além de professora e atriz, é também diretora de teatro. Destaca-se, ainda, que ela possui Licenciatura plena em Língua Portuguesa, fez curso de formação

²Trecho de entrevista concedida ao portal G1 Pará em 08/03/2018.

de atriz, mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal Minas Gerais, com a dissertação intitulada “Dalcídio Jurandir: regionalismo, relações raciais e de poder, em Marajó e Três casas e um rio”. Obteve grau de doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, com a tese “Os herdeiros de Ananse: movimentos negros, ações afirmativas, cotas para negros na Universidade”, que recentemente virou livro. Observa-se fortemente que a questão racial sempre esteve presente em suas preocupações, acadêmicas e da militância.

Para quem nasceu mulher, negra e pobre neste país, a via para o empoderamento só poderia ser o conhecimento. E empoderar, de acordo com Collins (2019), está para além da transformação da consciência individual, de modo que alcançar genuinamente o empoderamento é alterar a dinâmica das instituições sociais que operam na base da exclusão e da injustiça. Isso fica particularmente claro na militância de Zélia, movida pelo desejo de uma transformação social ampla para as pessoas que estavam à margem da sociedade.

2. Militância, Luta Antirracista e o Protagonismo na Efetivação das Ações Afirmativas

O ingresso na Universidade Federal do Pará, instituição pública de ensino superior, em pleno período da ditadura militar, foi certamente um marco na atuação política de Zelia Amador de Deus. Foi durante os anos da graduação que a militância adquiriu maior intensidade em sua vida. Participou de manifestações políticas, passeatas e ocupações de espaços; todavia, mesmo nesse contexto, ela via que as questões que lhes eram caras, como raça e gênero, não eram contempladas:

Fazíamos política clandestina. Em seguida vieram as ocupações da universidade, as passeatas, a repressão, enfim... Mais tarde, não tão mais tarde, lá estava eu militando na AP, que também não tratava da questão racial, esta que continuava sendo meu incômodo. A questão era de classe, não de raça, e tínhamos que fazer a revolução. E eu ficava com meus botões: e nós? (...) fazemos a revolução de classe e depois discutimos o problema do negro. Era assim que diziam: o problema do negro, o problema da mulher. Eu ficava deveras incomodada, mas continuava militando, afinal, queria mudar o mundo, queria um mundo sem injustiça. O tempo foi passando, e eu estudando e militando. (AMADOR DE DEUS, 2020 p. 12)

Malgrado seu incômodo com a restrição da militância à perspectiva da classe, ela continuou procurando seu espaço enquanto militante, por acreditar que a mudança social é resultado da luta. A consciência da necessidade da luta como via de emancipação das pessoas negras, que orientou a professora Zélia desde cedo, é corroborada por outra militante negra brasileira, que atuou na saúde mental, Neusa Santos Souza. Essa teórica, que desenvolveu um estudo sobre os efeitos psíquicos do racismo na saúde mental de pessoas negras em ascensão social, defende que a via para a cura do adoecimento psíquico desses sujeitos é pela luta política, pela militância, como fica claro ao afirmar que:

Um ideal construído através da militância política lugar privilegiado de construção transformadora da História. Independente dos modos de compreender o sentido da prática política, seu exercício é representado para o negro como meio de recuperar sua auto-estima, de afirmar sua existência, de marcar seu lugar. (SOUZA, 1983 p.44)

No final da década de 70, Zélia ingressou na universidade como docente. Ela comenta que no departamento em que foi lotada, o de Artes e Comunicação no Centro de Letras e Artes, era a única mulher negra em um espaço tomado por homens e mulheres brancas. A ausência de mulheres negras no espaço acadêmico está relacionada ao fato de existir, no Brasil, uma espécie de corrosão da identidade da mulher negra, prática que, além de amplamente veiculada na sociedade, também é utilizada para a manutenção de um sentimento e situação de inferioridade, de modo que, no mundo do trabalho, há uma certa naturalização de que as funções que são adequadas às mulheres negras são aquelas desprovidas de prestígio social, como empregada doméstica, faxineira, copeira, etc.

Professora Zélia não ficou apenas na constatação da ausência de pessoas negras na universidade. Imbuída de seu espírito antirracista, intensificou a luta ao fundar o Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará (CEDENPA), a única organização em Belém do Pará criada e fundada por negros. Inicialmente, as atividades do centro compreendiam de palestras em escolas, com o objetivo de discutir questões relativas ao negro. Contudo, as demandas foram surgindo e suscitaram uma série de preocupações que ampliaram o escopo do grupo, de modo que:

Todo esse processo engendrou uma série de preocupações e questionamentos sobre nossos objetivos, sobre a nossa identidade. Inclusive fizemos uma pesquisa, utilizando-nos de uma amostra composta por 128 negros, com o objetivo de verificar onde se concentra a população negra no Pará, sua opinião e reação face à discriminação e sua posição política. (AMADOR DE DEUS, 2020, p. 30)

A atuação do CEDENPA resultou na constatação da necessidade de repensar os currículos escolares, uma vez que neles há a deturpação deliberada da história oficial sobre as pessoas negras, reforçando o racismo presente na nossa sociedade.

Sua luta pelo povo negro não ficou restrita ao local ou regional. Participou do Grupo de Trabalho Interministerial para a valorização da pessoa negra, conhecido como GTI da população negra, no qual a professora Zélia atuou no Grupo de Políticas de Ações Afirmativas, envolvendo-se no estudo substancial dessas políticas para fins de implementá-las. No ano de 2003, criou o Grupo de Estudos Afro-Amazônico, o primeiro núcleo de Estudos Afro-Brasileiro das universidades do norte do país. Desses estudos, resultou o projeto de cotas para negros e negras no ensino superior público, de modo que a UFPA, em virtude desse trabalho, foi a primeira instituição da Região Norte a adotar o sistema de cotas, antes de ser uma obrigatoriedade no resto do país, no ano de 2008.

No ano de 2009, juntou-se à luta da amiga, antropóloga e professora da UFPA, Jane Beltrão, e ajudou a criar reservas de vagas para pessoas indígenas, e, em 2012, conseguiu aprovar a reserva também para quilombolas, fruto da proposta apresentada ainda em 2003. Contudo, sua luta antirracista não se esgotou em conseguir que pessoas negras, indígenas e quilombolas tivessem acesso à educação superior. Em 2017, a Universidade Federal do Pará criou a Assessoria de Diversidade Étnico-Racial, e o reitor convidou a professora Zélia para idealizar, dentro da estrutura universitária, um órgão que contemplasse a diversidade e inclusão. Foi, então, criada a Assessoria da Diversidade e Inclusão Social (ADIS) da UFPA. Coordenada pela professora Zélia, aprovou uma resolução que ampliou o escopo de diversidade e inclusão, estendendo as portas da Universidade para o ingresso de refugiados e refugiadas, pessoas asiladas, apátridas e vítimas de tráfico de pessoas. Desta feita, constata-se a facticidade da epígrafe desse texto, na qual nossa protagonista afirma que, enquanto viver, será uma mulher negra com o sonho de consertar o mundo.

A Universidade Federal do Pará não é mais a mesma que a professora Zélia encontrou em seu ingresso. Sabemos que a Universidade reflete a sociedade na qual está inserida, de modo que também pode ser um espaço de segregação racial, contradizendo o famigerado mito da democracia racial. A população negra é maioria quantitativa nesse país, mas por muito tempo foi invisível nesse território de poder e prestígio, realidade essa que a mulher negra que sonha em consertar o mundo contribuiu para alterar. O espaço universitário, graças à luta antirracista da professora Zélia, pode ser um espaço privilegiado para o exercício do pluralismo e da diversidade. O convívio com a diferença, pela vida da educação, certamente é uma das saídas para a construção de medidas efetivas de erradicação da exclusão.

Os feitos grandiosos da professora Zélia não se circunscrevem aos muros da universidade, mas se estendem ao campo das artes com sua presença marcante em diversas peças paraenses. Foi diretora em produções como: *Auto do Círio*, *Ato Cultural de Cabrujas*, *O Novo Oteló*, dentre outras. Em 1976, compôs o grupo de artistas recém-formados da Escola de Teatro que fundou o *Cena Aberta*, grupo teatral da que produziu espetáculos para a cidade, realizou diversos trabalhos e propôs mudanças teatrais na cidade, entre eles, a criação de novos espaços cênicos, ocupação e reconfiguração do Anfiteatro da Praça da República e a criação do teatro experimental Waldemar Henrique em 1979.

Ademais, destaca-se que ela foi presidenta da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e Negras (ABPN) na gestão 2010-2012, e que atuou como membro da Comissão Técnica Nacional de Diversidade para Assuntos Relacionados à Educação dos Afro-brasileiros (CADARA), órgão técnico vinculado ao Ministério da Educação, além de ter implementado e coordenado o Programa de Ação Afirmativa do Ministério do Desenvolvimento Agrário (2001 a 2003).

Em virtude da sua inegável contribuição social e acadêmica, a professora Zélia tem sido contemplada com prêmios e títulos dentre os quais podemos destacar alguns: Comenda Mãe Doca, da Assembléia Legislativa do Estado do Pará (2015); Título de Honra ao Mérito do Conselho Estadual de Segurança Pública do Estado do Pará (2014); Reconhecimento de dedicação pela consolidação do Sindicato dos Docentes da UFPA, ADUFPA (2014); Título de Cidadã de Axé, AFAIA-Associação dos Filhos e Amigos do Ilê Iyà Omi Ásé Ofá Karè (2004)

Em março de 2020, foi laureada com o Título de Professora Emérita da Universidade Federal do Pará, uma honraria concedida a um docente que atingiu o mais alto grau de projeção no exercício de sua atividade acadêmica, na sua área de atuação, além de contar com o reconhecimento da comunidade acadêmica. Zélia é a primeira mulher negra Emérita da maior instituição de ensino superior público da Região Norte do país e talvez a única professora negra na região com esse título.

Em outubro do corrente ano [2021], a professora Zélia recebeu o Prêmio Direitos Humanos da Brazil Foundation, ONG internacional voltada a captar recursos para apoiar iniciativas de combate à desigualdade no Brasil. Ela também será o tema do carnaval 2022 da Escola de Samba *Os Colibris de Belém*. Ao saber que seria homenageada, ela assim se manifestou:

Eu não esperava por isso, mas que bom que aconteceu, porque esse enredo trata da ancestralidade e da diáspora africana no mundo. Significa que não podemos deixar de passar tudo aquilo que pode representar resistência. Tudo aquilo que pode representar vida. Tudo aquilo que pode representar continuidade.³

³Trecho retirado do G1 Pará Belém, publicado em outubro de 2021.

De acordo com Amador de Deus (2020), no seu trabalho doutoral, Ananse é a deusa-aranha, presente na cultura do povo Fanti-Ashanti, da Região de Benin, na África Ocidental, que foi capaz de tecer uma enorme teia e assim conseguir o baú de histórias das mãos de Kwane e, desta forma, permitir que os povos negros tivessem história. Os fios da teia de Ananse, segundo a autora, representam/simbolizam atos de resistência que garantiram a sobrevivência dos povos escravizados, assim como de seus descendentes. Para encerrar esse texto, de caráter biográfico sobre essa potente mulher, intelectual, ativista, gostaria de fazer um paralelo entre Ananse e Zélia Amador de Deus. Isto porque ela, ao longo dos anos, conforme exposto, tem resistido às injunções do racismo e de outros eixos de subordinações, e tem tecido suas teias na forma de redes de solidariedade que une, articula e cria condições de emancipação e visibilidade dos povos negros na Amazônia, especialmente por meio da grandiosa teia da educação. Por sua respeitável trajetória, pela militância no enfrentamento ao racismo, cujo um dos frutos é a presença de pessoas e quilombolas no espaço universitário, Zélia é certamente nossa Ananse da Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória dessa potente mulher negra não pode ficar circunscrita aos limites geográficos da Região Norte, pois sua luta antirracista produziu resultados fáticos que alteraram não só a realidade de sua região, mas de todo o país, por meio da obrigatoriedade da adoção da política de cotas para pessoas negras.

O trabalho árduo da nossa Ananse da Amazônia produziu teias de contribuições relevantes no espaço acadêmico, no que concerne ao desenvolvimento da pesquisa, do ensino, da extensão e dos serviços universitários. Demais disso, sua atuação política foi decisiva para a implementação da política pública de cotas, inicialmente na sua instituição de atuação docente, e que se estendeu a outras Universidades públicas país afora. Assim, suas contribuições, em níveis do espaço acadêmico, adquirem relevo quando se analisa sua liderança sempre forte e marcante em defesa dos direitos dos negros, mulheres, indígenas, quilombolas, bem como a luta por cotas de vagas na Universidade para refugiados e apátridas, asilados e vítimas de tráfico de pessoas.

Ainda muito forte e potente, a professora Zélia mantém vivo seu espírito de luta e conserva a certeza da mulher negra que sonha em consertar o mundo. Mundo esse que é menos excludente, graças à sua incansável luta no combate ao racismo e às opressões de classe e gênero.

Sua trajetória revela que ela não se curvou ao racismo, que não deixou de persegui-la, nem mesmo no episódio em que estava na campanha eleitoral em que concorria para o cargo de diretora do Centro de Letras e Artes. Ao entrar em uma sala de aula, se deparou com uma frase escrita por um colega de docência: “Não vote em preto, vote em branco”. Ela não se abalou, seguiu resiliente, certamente com o eco da voz da sua ancestralidade, sua avó dona Francisca, que sempre dizia: “Não te abaixa, ninguém é melhor que tu”. Resultado: Zélia venceu as eleições.

Zélia venceu. E, assim, nossa Ananse da Amazônia tem seguido espalhando suas teias por meio de redes de inclusão daqueles que nossa sociedade racista constantemente empurra para as margens, mas Zélia, no movimento inverso, com suas teias, puxa os excluídos para a visibilidade, para o acesso aos bens sociais e para o reconhecimento. Por fim, sua vida e militância podem muito bem serem traduzidas pelos versos da escritora negra, norte-americana, e defensora dos direitos civis e da igualdade, Maya Angelou, em seu poema **Ainda assim, eu levanto**:

(..) De um passado que é só dor
 Eu me levanto
 Sou um oceano negro, de pé, subindo e transbordando a maré.
 Deixando para trás as noites de medo.
 Eu me levanto
 Eu me levanto na clara de manhã, ainda bem cedo
 Os dons dos meus ancestrais alinhavos
 Sou o sonho e as esperanças dos escravos
 Eu levanto
 Eu levanto
 Eu levanto

REFERÊNCIAS

- AMADOR DE DEUS, Zélia. *Caminhos trilhados na luta antirracista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- ANGELOU, Maya. “*Ainda assim, eu levanto*”. Tr. Jorge Pontual. Globo News em Pauta, 9 de novembro de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/video/pontual-recita-o-poema-ainda-assim-eu-levanto-de-maya-angelou-6278511.ghtml>> Acesso em 13 de junho de 2020.
- BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política de empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- FILHA de empregada doméstica, Zélia Amador de Deus recebe o título de professora emérita da UFPA. *Cada Minuto*, (s. L), 2020. Disponível em: <<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/355729/2020/03/14/filha-de-empregada-domestica-zelia-amador-de-deus-recebe-o-titulo-de-professora-emerita-da-ufpe-egua-mana>>. Acesso em: 06 jun. 2020.
- HOOKS, Bell. *Teoria Feminista negra: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MOREIRA, Adilson. *Pensando como negro: ensaio de hermenêutica jurídica*. São Paulo: Contracorrente, 2019.
- PROFESSORA e ativista paraense, Zélia Amador é homenageada em premiação de ONG internacional. *G1 PARÁ*, Belém, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com>>. Acesso em 27 de out. 2021
- REZENDE et al. Zélia Amador traz o olhar ativista sobre as discriminações enfrentadas pela mulher negra. *G1 PARÁ*, Belém, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/zelia-amador-traz-o-olhar-ativista-sobre-as-discriminacoes-enfrentadas-pela-mulher-negra.ghtml>>. Acesso em: 06 jun. 2020.
- RIBEIRO, Djamilia. *Pequeno Manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.